

SUSI PADILHA



NA INTERNET



No *diario.com.br*, o internauta vai encontrar fotos antigas e atuais, mapa interativo, documentos e jornais da época e vídeos com entrevistas sobre a marcha revolucionária em SC. E poderá conferir em um infográfico como foi a passagem dos rebeldes em solo barriga-verde. Em um áudio, com locução de JB Schüller e graças à tecnologia 3D, será possível voltar no tempo, ficar ambientado na história e entender por que a tomada de Florianópolis foi decisiva para a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

➔ diario.com.br

SC NO CAMINHO DA HISTÓRIA

A Revolução de 1930, que completa 80 anos em outubro, teve passagens marcantes em solo barriga-verde

ÂNGELA BASTOS

Anitápolis, entre a Mata Atlântica e distante 80 quilômetros do mar, é marco de um movimento revolucionário deflagrado 80 anos atrás. Uma cruz em madeira, a 18 quilômetros do Centro da cidade, com cerca de 3,3 mil moradores, na Grande Florianópolis, registra o Combate da Serra da Garganta.

Trata-se de um dos episódios mais sangrentos da Revolução de 1930. O lugar, no alto de uma estrada em curvas, é símbolo do levante irrompido em 3 de outubro daquele ano, no Rio Grande do Sul, e que atingiu Santa Catarina.

À frente da também chamada marcha revolucionária estava Getúlio Vargas. Sua estratégia era chegar ao Rio de Janeiro, capital federal na época, e depor o presidente Washington Luís. Entre os objetivos da insatisfação estavam o rompimento da chamada política do café com leite, que culminou com a eleição de Júlio Prestes e o assassinato de João Pessoa.

Cidades catarinenses como Porto União, Lages, Joinville, Blumenau, Tubarão e Araranguá testemunharam os deslocamentos das colunas rebeldes. Principais

núcleos populacionais da época, essas cidades tiveram suas áreas ocupadas por acampamentos. Pontos estratégicos foram tomados, acessos bloqueados, comunicações interrompidas. Mas, diferentemente de Florianópolis, que seria a última entre as capitais brasileiras a se render, muitos em SC simpatizavam com a causa e davam acolhida aos revolucionários. Outros tantos se juntavam às tropas.

Além da estrada de ferro, principal ligação com o centro do país, os lenços vermelhos, como eram chamados os rebeldes, chegaram a Santa Catarina por três frentes e a cavalo. Uma delas foi a Coluna Miguel Costa (que praticamente seguiu a linha do trem em direção a Porto União). Outra foi a Coluna do Nordeste (Vacaria-Lages), e, ainda, a Coluna do Litoral (Torres-Araranguá).

◆ Serra da Garganta: palco de um sangrento combate

O monumento de Anitápolis prova a resistência da Força Pública Catarinense em defesa da Capital do Estado. Mesmo com o cerco a Florianópolis, o governo liderado por Fúlvio Aducci, ao contrário do que ocorria em

cidades do interior e em outros estados, se mantinha fiel ao sistema do centro do país.

Para atingir o Rio, o comboio de Getúlio Vargas seguia de trem e chegava a cidades como Porto União, na divisa com o Paraná. Para ocupar Florianópolis

◆
A população de Anitápolis ficou assustada com um acampamento que reunia 700 rebeldes em pleno Centro da cidade
◆

polis era necessário avançar por Anitápolis. A presença de forças legalistas entrincheiradas na Serra da Garganta forçou o sangrento combate.

– Aqui morreram oito homens, sete da Força Pública Catarinense e um revolucionário. Foram enterrados neste lugar, menos o gaúcho, que deve ter sido levado para o RS.

Depois, os corpos foram trasladados – conta o aposentado João de Almeida Coelho Sobrinho, 74 anos, de Anitápolis.

Nascido seis anos depois do combate, o aposentado lembra o que ouvia os mais velhos contarem. Ele recorda que no Centro da cidade foi montado um acampamento para 700 homens. A população ficou muito assustada. Mas, ao contrário do que esperavam os moradores, a violência deu-se apenas no campo de batalha.

– As chances dos legalistas eram poucas, pois os revolucionários eram em maior número. Contam que um bugreiro (caçador de índio) indicou uma trilha pela serra, o que deixou o grupo encurralado. Quem não morreu ficou ferido ou fugiu para o mato – explica.

◆ Telegramas para Aranha e Aducci

Pelas estações de Porto União e União da Vitória (PR) passaram 20 mil homens vindos do RS em direção ao centro do país. O dado consta no livro *Apontamentos Históricos de União da Vitória (1768-1933)*, escrito por Cleto da Silva.

Um telegrama enviado por

Henrique Rupp Júnior ao seu líder Oswaldo Aranha dá ideia da movimentação dos revolucionários em solo barriga-verde. Rupp se deslocou para Araranguá, onde se juntou aos revolucionários.

O mesmo telegrama, que teria sido enviado também ao presidente Fúlvio Aducci, dá conta de que uma coluna com 6 mil homens se dirigiu para Blumenau. Mais 1,5 mil desceram de Bom Retiro. Enquanto 8 mil da Coluna Litoral, comandados pelo general Ptolomeu de Assis Brasil, marchavam sobre Florianópolis. No livro *Tombados e Esquecidos*, o autor Valmir Lemos faz uma observação com base em sua pesquisa:

“De acordo com informações em documentos da época, no momento em que chegava em Palhoça, o efetivo total da coluna não ultrapassava 2,5 mil homens, o que, convenhamos, era muito superior aos cerca de 500 que em terra defendiam a Ilha.”

Fatos que marcaram esta história são contados nestas páginas do *Diário Catarinense* e no *diario.com.br*.

angela.bastos@diario.com.br

REVOLUÇÃO DE 1930

“É PRECISO REACENDER A HISTÓRIA”

Pesquisadora Karla Nunes diz que episódio teve reflexo direto na queda da Velha República

A professora Karla Leonora Dashe Nunes é uma estudiosa da Revolução de 1930. Sua pesquisa para a tese de doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) durou cinco anos. Parte feita no Arquivo Histórico do Exército, no Rio de Janeiro.

– Sou uma inconformada em saber que muitos catarinenses desconhecem este importante episódio da história que vai ter reflexo direto na queda da Velha República – observa.

Karla é coordenadora do curso de especialização de História Militar, na Unisul, e prepara para outubro um congresso acadêmico sobre os 80 anos do movimento.

A pesquisadora lembra que Santa Catarina, por meio de sua Força Pública Militar, aliada às forças militares federais da Marinha e do Exército, não conteve o movimento. Mas representou um estorvo para a força revolucionária:

– As memórias, as narrativas, os documentos produzidos sobre esses conflitos foram, curiosamente, deixados à parte, minimizados. Não os encontramos na historiografia nacional, quer no campo da história política ou mesmo militar.

A professora lembra que a Revolução era apoiada por parte da oligarquia, porém, o governador do Estado, que à época era o recém-empossado Fúlvio Aducci, manifestou total apoio a Washington Luiz.

Naquele governo, foram três catarinenses ministros: Victor Kon-

der (Ministério da Viação), general Nestor Sezefredo dos Passos (Ministério da Guerra) e o contra-almirante Arnaldo Siqueira Pinto da Luz (Ministério da Marinha).

Isso pode ter tido consequências na forma como o governo de Santa Catarina se comportou. Os cargos de ministros pareciam ter caráter de “um presente” ao Estado e não de um “reconhecimento”.

◆ A chegada dos Ramos ao poder após 1930

Os principais e mais influentes representantes do Partido Republicano Catarinense eram os irmãos Adolpho Konder, Marcos Konder, Victor Konder e Fúlvio Aducci, entre outros. Da Aliança Liberal, entre os nomes mais conhecidos estão Nereu Ramos, Francisco Barreiros Filho, Oswaldo Mello e Gustavo Neves.

Com a Revolução e suas consequências, os Ramos, que não tinham vez no poder, até então exercido pelos Konder Reis, conseguem alcançá-lo.

A mudança de estrutura de poder é, na opinião da professora, uma das diferenças visíveis em SC depois de 1930.



◆ Professora prepara um congresso acadêmico em outubro, mês que marca os 80 anos da Revolução



FOTOS DIEGO REDEL

◆ BOMBARDEIO NO ESTREITO

Sob a Ponte Hercílio Luz, o aposentado Osman Noceti, 72 anos, recorda das escaramuças da Revolução de 1930 na Capital.

Noceti ouviu dos mais velhos relatos sobre a presença dos rebeldes no Estreito. Especialmente do período em que a chamada Divisão Litoral do general Ptolomeu de Assis Brasil estacionou neste local do Continente. A posição fez com que o barco fosse castigado pela artilharia dos navios de guerra fiéis ao governo. Entre 13 e 23 de outubro, os bombardeios ocorreram diariamente. Apesar de visados pela artilharia dos destróieres, desde Imbituba, não sofreram uma única baixa. As granadas causaram estragos em propriedades de Palhoça, São José e no Estreito.

– Os rebeldes se amontoaram pelo lado de cá. Dizem que a ponte foi eletrificada e que a madeira do piso foi retirada para eles não atravessarem para a Ilha.

Pescador por mais de 50 anos, Noceti recorda o que ouvia depois que a Revolução acabou:

– Depois, casas foram demolidas e encontrada munição. Era gente simpática à causa, mas que não falavam com medo de perseguição.



HERMÍNIO NUNES

◆ UM PERÍODO DE IMPORTANTES MUDANÇAS NO BRASIL

PRESTES X GETÚLIO

Em 1929, lideranças de SP romperam a aliança com os mineiros, conhecida como política do café com leite. Os paulistas indicaram o conterrâneo Júlio Prestes, governador de SP, para candidato à Presidência da República. Em reação, o governador de MG, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, apoiou



ACERVO DAC/AL-RS

EXILADO

Júlio Prestes, com o apoio do então presidente Washington Luiz venceu, mas não chegou a tomar posse. Acabou exilado.

O MOVIMENTO

Em outubro de 1930, políticos e militares dos estados do RS, PB e MG deflagraram um movimento que culminou na chamada Revolução de 1930. Getúlio Vargas foi o



ACERVO DAC/AL-RS

O MANIFESTO

O movimento ganhou as ruas quando, em 10 de outubro, Vargas lançou o manifesto *O Rio Grande de Pé Pelo Brasil* e partiu, de trem, rumo ao Rio de Janeiro, capital nacional à época.

FERROVIAS

As Forças Revolucionárias do RS avançaram a fim de unir-se aos aliados e combater os opositores. Eles usaram a ferrovia, principal ligação com o centro do país. No caminho, arrebatavam seguidores

RUMO AO RIO

O objetivo era chegar ao Rio e depor o presidente Washington Luiz. A estratégia consistia em concentrar toda a força revolucionária em Ponta Grossa, no PR, para, a partir dali, seguir mais fortes rumo à capital.

◆ O ÓDIO DE VARGAS

Jutta Hagmann tinha quatro anos quando os revolucionários chegaram a Joinville. O pai era funcionário do Banco do Brasil e, com a notícia da chegada dos rebeldes, ele foi aconselhado a mudar-se para mais perto do Batalhão de Caçadores.

– Papai contava que, certa manhã, viu um caminhão passando com corpos de rebeldes e soldados do governo.

Jutta conta que sua família não tinha envolvimento com os revolucionários, mas lembra da morte do primo Laudelino Menezes. O rapaz foi convocado para o batalhão em Porto União, onde morreu afogado.

– Não sei se por isso, mas minha tia tinha um ódio muito grande de



◆ MEDO E FUGA PARA O MATO

Dona Luci Pacheco da Rosa tem 92 anos. Uma senhora aposentada com uma memória privilegiada que vive no Bairro do Estreito, em Florianópolis. Luci era uma “mocinha” quando os revolucionários de 1930 chegaram à região de Florianópolis. Sua família morava em Ratones, interior da Ilha de SC.

Na época, lembra, tudo era muito distante. As informações eram poucas e o medo se espalhava entre a população.

– A gente trabalhava na roça. De noite, meus três irmãos fugiam para o mato para não serem levados. A gente avistava a luz forte (holofotes) dos navios e parecia que o coração ia sair pela boca.

Luci diz que muitas pessoas usavam barcos para se mudar. As casas ficavam fechadas, e os animais, abandonados. Para ela, a cena mais triste era dos irmãos fugindo:

– Tínhamos muito medo que, mesmo à noite, os revolucionários aparecessem e levassem os rapazes. Por sorte nenhum foi, mas o medo



◆ A COR ENCARNADO

Therezinha Wolff é assessora de Cultura em Porto União. Autora de dois livros, cartilhas e artigos em jornais, reúne material fotográfico sobre a passagem dos revolucionários pela cidade localizada no Planalto Norte de Santa Catarina.

– A cor encarnado (vermelha) era da moda, principalmente pelos estudantes que se alinhavam com as ideias revolucionárias.

Therezinha conta que a cidade ficou em polvorosa com a chegada do comboio trazendo Getúlio Vargas, no dia 16 de outubro:

– O relógio da estação marcava 16h30min. Houve aclamação e Getúlio Vargas recebeu flores. Discursou no Hotel Internacional, em frente à praça.

Muitas fotos que ela guarda foram entregues por moradores. Quando fala da Revolução de 1930, Therezinha destaca um dos motivos que contribuiu para o levante: o assassinato de João Pessoa.

– Eu acho que a gente precisava dar um destaque maior a este fato. Temos um obelisco aqui em Porto União em homenagem a João Pessoa, porém, com o passar dos anos, o monumento ficou deterio-

DEFESA EM SC

As tropas passaram por SC. O governador da época, Fúlvio Aducci, era contra a Revolução e ordenou a manutenção da ordem política vigente. Mas, muitos catarinenses apoiavam e engrossavam o contingente das Forças Revolucionárias.



BANCO DE DADOS

VIAGEM

O comboio de Getúlio Vargas seguia pela ferrovia, unindo Marcelino Ramos (RS) a Porto União (SC). Os revolucionários, às vezes a cavalo ou de barco, alcançaram Joinville, Anitápolis, Blumenau e Florianópolis.



INSTITUTO HISTÓRICO DE BLUMENAU

GOVERNO

Os generais Tasso Fragoso e Mena Barreto e o almirante Isaías de Noronha depuseram Washington Luís em 24 de outubro e formaram uma junta de governo.

REPERCUSSÕES

As repercussões foram diversas: jornais que apoiavam o governo deposto foram destruídos; Júlio Prestes, Washington Luís e vários outros importantes personagens da República Velha foram exilados.

OLIGARQUIAS

Às 15h de 3 de novembro de 1930, a junta militar passou o poder, no Palácio do Catete, a Getúlio Vargas, encerrando a República Velha, derrubando todas as oligarquias estaduais, exceto a mineira e a gaúcha.